

AS CORRESPONDÊNCIAS ENVIADAS PELOS PRESOS DA CADEIA DA CIDADE DE GOIÁS NA DÉCADA DE 1930

■ RILDO BENTO DE SOUZA

<https://orcid.org/0000-0003-1437-9595>

Universidade Federal de Goiás

■ MILENA BASTOS TAVARES

<http://orcid.org/0000-0003-2381-1626>

Museu das Bandeiras

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as correspondências enviadas pelos presos da cadeia da Cidade de Goiás durante a década de 1930, ressaltando o seu potencial para pesquisa. Esse conjunto de documentos está localizado no importante arquivo do Museu das Bandeiras, mais precisamente no Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz e encontra-se disponível para consulta e pesquisa. Esperamos que este ensaio possa contribuir para dar publicidade a essa documentação, visando servir de fonte a trabalhos posteriores. O artigo encontra-se dividido em quatro partes: na primeira, apresentamos o Museu das Bandeiras e o seu arquivo; na segunda, aprofundamos no conjunto de documentos relativos às correspondências; na terceira, analisamos as correspondências dos presos enviadas ao delegado; e, por fim, na quarta parte, analisamos as correspondências dos presos enviadas aos amigos e familiares.

Palavras-chave: Correspondências. Prisioneiros. Cadeia. Cidade de Goiás.

ABSTRACT

THE CORRESPONDENCES SENT BY JAIL PRISONERS IN THE 1930'S GOIÁS CITY

The purpose of this article is to present the correspondence sent by prisoners in Goiás city prison during the 1930s, highlighting its potential for research. This set of documents is located in the important archive of the *Museu das Bandeiras* (MUBAN museum), more precisely in the Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz, and is available for consultation and research. We hope that this essay can contribute to publicizing this documentation, aiming to serve as a source for fu-

ture works. This article is divided into four parts: in the first part we present the *Museu das Bandeiras* and its archive; in the second part, we will delve into the set of documents related to correspondences; in the third part, we will present the prisoners' correspondence sent to the delegate; and, finally, in the fourth part, we will present the prisoners' correspondence sent to friends and family.

Keywords: Correspondences. Prisoners. Jail. Goiás city.

RESUMEN

LAS CORRESPONDENCIAS ENVIADAS POR LOS PRISIONEROS DE LA CÁRCEL DE LA CIUDAD DE GOIÁS EN LA DÉCADA DE 1930

El objetivo de este artículo es presentar la correspondencia enviada por los prisioneros de la ciudad de Goiás durante la década de 1930, destacando su potencial para la investigación. Este conjunto de documentos se encuentra en el importante archivo del *Museu das Bandeiras*, más precisamente en el *Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz* y está disponible para su consulta e investigación. Esperamos que este ensayo pueda contribuir para dar publicidad a esta documentación, con el objetivo de servir como fuente para futuros trabajos. El artículo se divide en cuatro partes: en la primera presentamos el *Museu das Bandeiras* y su archivo; y en la segunda parte, profundizaremos en el conjunto de documentos relativos a la correspondencia; en la tercera parte, presentaremos la correspondencia de los presos enviada al delegado; y finalmente, en la cuarta parte, presentaremos la correspondencia de los presos enviada a amigos y familiares.

Palabras clave: Correspondencia. Prisioneros. Cárcel. Ciudad de Goiás.

Introdução

Em 1942, o então delegado da Cidade de Goiás, José Monte das Ilhas, solicitou ao comandante do Contingente mais duas praças “capazes de desempenhar função de escrita” para serem “auxiliares” do escrivão da delegacia. Para tentar convencer o comandante, o delegado elencou minuciosamente todo o trabalho desempenhado pelo escrivão: tomar depoimentos; formar inquéritos; extrair intimações; confeccionar atestados; fornecer certidões; receber e emitir ofícios; dentre outros. Porém, o mais curioso é a seguinte função: “leitura atenta de

cartas de sentenciados da Cadeia Publica, tanto de saída como as de entrada”¹.

Isso nos permite acompanhar o caminho que essas cartas fizeram até o seu arquivamento no Museu das Bandeiras (Muban). Uma vez dirigidas pelo carcereiro à delegacia, o escrivão lia e encaminhava ou não as missivas. Ou seja, são correspondências que (a exceção das endereçadas especificamente ao delegado – e até essas não temos certeza se chegou

¹ Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 01. Documento nº 27.

ou não em suas mãos) foram interceptadas em algum momento e não chegaram a alcançar os seus(as) destinatários(as).

De acordo com Michel Foucault, no texto “A escrita de si”, as cartas são mais que “um adestramento de si mesmo pela escrita, através dos conselhos e advertências dados ao outro”, elas constituem “uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros”. Ademais, ela torna o escritor “presente” para quem ele a envia. “E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas aventuras e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física” (FOUCAULT, 2004, p. 155-56).

Nesse sentido, nosso objetivo é, para além de analisar as correspondências, divulgar parte dessa documentação tão rica para que fomentem novos estudos.² Os documentos arrolados para esse ensaio se encontram no Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz e dizem respeito ao período de 1930 a 1949, ano em que a cadeia foi desativada para abrigar o futuro museu. As correspondências dos presos que serão abordadas nesse ensaio são datadas da década de 1930. Trata-se de um período de intensas e profundas transformações para o estado de Goiás e, principalmente, para a sua capital.

A Cidade de Goiás, hoje patrimônio da humanidade, fundada no começo do século XVIII, após a descoberta de jazidas de ouro nos seus arredores, foi a capital da capitania, da província e do estado até 1937, quando perdeu o posto para a recém-criada Goiânia. A nova capital, por sua vez, foi o projeto que sustentou o grupo político do médico e político Pedro Lu-

2 Nessa seara, cabe ressaltar duas interessantes coletâneas que muito contribuíram para os estudos sobre cartas: a primeira, organizada por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib (2000), e a segunda, organizada por Maria Helena Câmara Bastos, Maria Teresa Santos Cunha e Ana Chrystina Venancio Mignot (2002).

dovico Teixeira (1891-1979), que assumiu o cargo de interventor – o equivalente a governador – em novembro de 1930, nomeado por Getúlio Vargas, após os eventos que culminaram com o golpe conhecido como Revolução de 1930.³ Assim como o presidente, Pedro Ludovico ficou 15 anos ininterruptos no poder, de 1930 a 1945, ora como interventor, ora como governador de Goiás, período que idealizou, construiu e consolidou a nova capital do estado (SOUZA, 2021). Entretanto, as correspondências analisadas nesse ensaio foram escritas no período anterior a 1937, ou seja, no período em que a Cidade de Goiás ainda era a capital do estado.

Isso posto, o presente estudo encontra-se dividido em quatro partes: na primeira apresentaremos o Muban e o seu arquivo; na segunda, aprofundaremos no conjunto de documentos relativos às correspondências; na terceira, analisaremos as correspondências dos presos enviadas ao delegado; e, por fim, na quarta parte, analisaremos as correspondências dos presos enviadas aos amigos e familiares.

O museu e o seu arquivo

Criado em 1949⁴ e aberto ao público em 1954, no prédio da antiga Casa de Câmara e Cadeia, o Muban está localizado na Cidade de Goiás e, atualmente, encontra-se sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Foi a segunda instituição museal do estado. Para além do rico acervo que contempla a ocu-

3 Episódio que caracterizou a tomada do poder por Getúlio Vargas, candidato derrotado por Washington Luís nas eleições presidenciais de março de 1930. Esse fato marcou o fim da Primeira República.

4 A partir de 1950 “o MUBAN dividiu espaço com a Cadeia Pública Estadual: enquanto as atividades de pesquisa, reforma e adequação predial estavam sendo realizadas, seis presos continuaram na Casa, quase o ano inteiro” (BULHÕES, 2017, p. 152). Sua criação ocorreu pelo então Departamento Histórico e Artístico Nacional (Dphan), e teve como núcleo inicial o prédio da Casa de Câmara e Cadeia, tombado como patrimônio histórico em 1951.

pação do território goiano, a instituição abriga também um dos mais importantes conjuntos arquivísticos sobre a história e a memória de Goiás, que abrange do século XVIII ao início da segunda metade do século XX.

O acervo do Museu das Bandeiras compõe-se de, no mínimo, onze fundos de arquivo, ou fragmentos de fundos, provenientes: da Delegacia fiscal do Tesouro Nacional, do Ministério da Fazenda da Província de Goiás, do Ministério da Guerra da Província de Goiás, da Casa de Câmara e Cadeia, da Delegacia de Polícia, da Justiça Eleitoral, de fundos privados de famílias (não foi possível saber quantas), do Senado da Província de Goiás, da Junta da Real Fazenda, do Liceu de Goiás e Hospital de Caridade Pedro de Alcântara. Esse acervo possui um inestimável valor para a pesquisa, contendo documentos que datam de 1735 a 1954 (MONTIEL, 1977, p. 14).

Ademais, em uma recente atualização, o arquivo do Muban conta com 25,72 metros lineares de documentação referente ao período colonial, 177,82 metros lineares sobre o período imperial e 110 metros lineares sobre o período republicano (NEPOMUCENO; BOITA, 2020, p. 7). Neste artigo, nosso foco são as cartas dos presos que estão localizadas no Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz, que contemplam o período de 1930 a 1949 e constituem 2.383 páginas, ou 695 documentos, que se encontram totalmente digitalizadas.

Figura 1 – Museu das Bandeiras



Fonte: Suzi Rodrigues, 2021.

Seu prédio remete ao período colonial, quando a Casa de Câmara e Cadeia representava, para Portugal, a sede da administração e da justiça e, juntamente com “as igrejas, figuram no primeiro plano do quadro das nossas vilas e cidades, nos primeiros quatrocentos anos de vida do país” (BARRETO, 1997, p. 365). Sua construção na capital da então capitania de Goiás data de 1766, durante o governo de João Manuel de Melo, e teve o seu projeto arquitetônico concebido em Portugal. Ademais foi “o único edifício institucional da cidade construído para um fim específico, pois os demais foram adaptações menos ou mais felizes de edificações residenciais – modificações, acoplagens, espichados, etc.” (LIMA, 2017, p. 78).

Analisando a fachada frontal, percebemos claramente o acesso do edifício por uma pequena escadaria de pedra que conduz à porta central de sobreverga reta – estilema que se repete nas demais aberturas da edificação. Ainda no pavimento inferior estão as janelas gradeadas das antigas enxovias, revestidas internamente com pranchões de madeira, visando dificultar a fuga dos presos que por ventura poderiam se aventurar a cavar as grossas paredes de taipa de pilão. No pavimento superior eram realizadas reuniões e audiências e ali ficavam a câmara e o corpo judiciário. O segundo pavimento apresenta janelas de balcão entaladas com fechamento em folhas cegas de madeira, voltadas para as fachadas frontal e lateral. O acesso ao pavimento superior se dá por uma suntuosa escada de madeira guarnecida por guarda corpo de balaústres torneados. O acesso dos presos às enxovias se dava via alçapões no pavimento superior, com escadas retráteis – elemento que podemos observar em uma visita ao edifício, que desde a década de 1950 abriga o Museu das Bandeiras (MOURA, 2018, p. 218).

Sua arquitetura foi usada para “[...] uma visualidade que impusesse ao espectador o cenário próprio da teatralização do poder (...) na qual o que realmente importa não é demonstrar funcionalidade, mas caracterizar o

visual cenográfico”. Outrossim, na “[...] parte superior, a madeira; na inferior, a pedra; em cima, os grandes vãos das portas-sacadas; em baixo, o gradeamento das janelas de dimensões não tão amplas. Na Câmara e sala de júri, as sobrevergas trabalhadas; nas celas, a lisura e a aridez da pedra e cal” (COELHO, 2013, p. 119).

Em relação ao seu acervo museológico, formado ainda na década de 1950, o Muban conta com “[...] coleções que refletem o conceito de patrimônio vinculado ao período colonial e que, portanto, não traduzem a memória dos diferentes grupos formadores da região”. Ademais, a pesquisadora Mana Rosa afirmou que quando o Muban retrata esses diversos grupos “[...] o fazem por meio de um discurso que apresenta o negro escravizado através da exibição de objetos como correntes e grilhões ou encerrando a história dos grupos indígenas ao período anterior à chegada dos colonizadores” (ROSA, 2016, p. 129-130). Nesse sentido, a pesquisa da museóloga Lara Pelhus Claudino chamou a atenção para o fato de que o Muban “[...] é responsável por narrar a construção cultural da região, representando todo o ciclo do ouro e a história dos diversos grupos sociais locais (ou deveria?)” (CLAUDINO, 2017, p. 37).

Acreditamos ser função do Muban incorporar outras narrativas, principalmente de homens e mulheres que em um determinado momento de suas vidas praticaram ações que os levaram a compartilhar o prédio na condição de prisioneiros(as). As memórias dessas pessoas, muitas vezes alvo da intolerância (como no caso dos presos com problemas mentais), misoginia (prostitutas presas por afrontarem a ordem pública), ou mesmo presos políticos, fazem com que compreendamos determinado período histórico de forma muito mais intensa. E, nesse sentido, as correspondências, em especial, nos revelam muito.

Sobre as correspondências

Nesse rico conjunto de documentos que integram o Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz, as correspondências dos presos constituem importantes indícios para que possamos ouvir as vozes de pessoas cuja existência – salvo raríssimas exceções – foi apagada da memória da cidade e que também não constam na expografia do Muban. Dificilmente as vozes de presos, doentes, negros, indígenas, prostitutas, pobres, mesmo de um passado recente, conseguem ressoar no presente. São os considerados marginais, aqui compreendidos de acordo com os pressupostos do historiador Jean-Claude Schmitt, a partir do seu estudo “A história dos marginais” que integra o livro *A história nova*, organizado por Jacques Le Goff. Nesse estudo, as margens só existem em detrimento do centro, que define os marginais⁵ negativamente: como não tendo domicílio fixo, dormem em qualquer lugar, “gente sem senhor”, “inúteis ao mundo” (SCHMITT, 2001, p. 280). Sobre a dificuldade de uma definição dos fenômenos de marginalidade, o referido autor conclui:

Contudo, a priori, várias noções podem ser distinguidas: a de marginalidade, que implica um estatuto mais ou menos formal no seio da sociedade e traduz uma situação que, pelo menos teoricamente, pode ser transitória; aquém da marginalidade, a noção de integração (ou reintegração) que indica a ausência (ou perda) de um estatuto marginal no seio da sociedade; e, ao contrário, além, a noção de exclusão, que assinala uma ruptura – às vezes ritualizada – em relação ao corpo social (SCHMITT, 2001, p. 264).

5 Porém, para que se descortine a história desses indivíduos marginalizados, é necessário transpor uma série de barreiras, a primeira delas é a seguinte: “como ouvir a voz dos marginais do passado, quando, por definição, ela foi sistematicamente abafada pelos detentores do poder, que falavam dos marginais, mas não os deixavam falar”. Desse modo, o historiador deve partir de indícios, que são encontrados nos documentos oriundos do centro. “Trata-se de vestígios discretos, mas quão vivos!” (SCHMITT, 2001, p. 284-285).

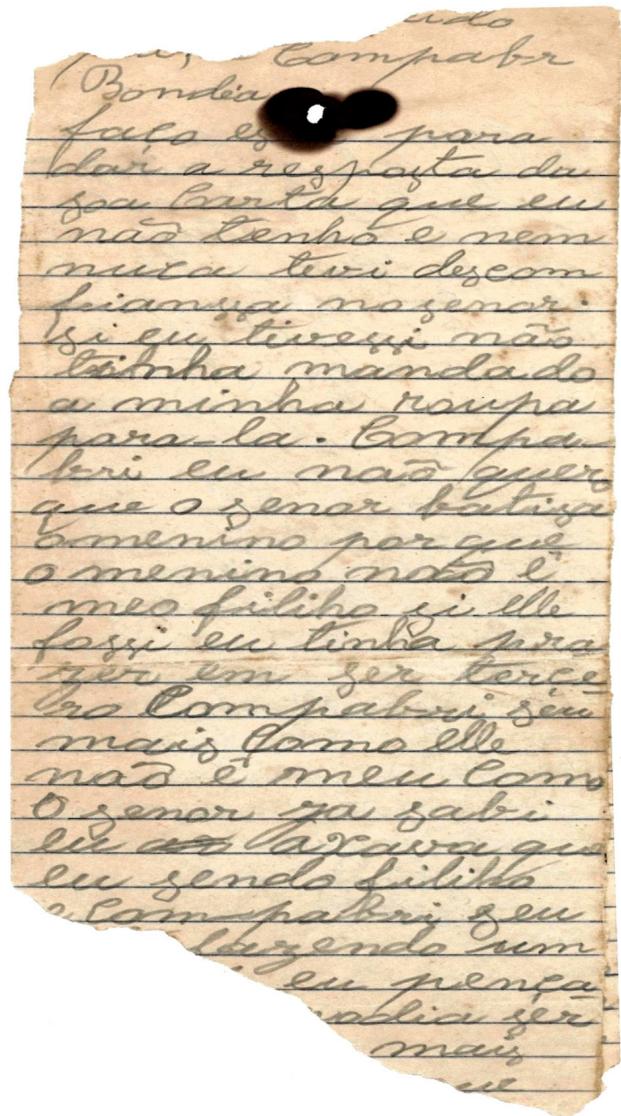
Esses grupos dificilmente aparecem em livros de memória, que não como motivos de chacota ou para acentuar a sua marginalidade. Conseguir apreender as vozes desses indivíduos constitui-se um árduo trabalho. Em seu estudo sobre o Asilo São Vicente de Paulo na Cidade de Goiás, uma instituição vicentina criada em 1909 para abrigar os pobres e os doentes da então capital goiana, o historiador Rildo Bento de Souza conseguiu traçar trajetórias de vida dessas pessoas, que eram tidas não como indivíduos, mas como conjunto que visava uniformizá-las por meio das categorias: pobres, doentes, desvalidos, dentre outras (SOUZA, 2014).

Um dos grandes problemas quando se tenta descobrir as vozes marginais no passado é que a imensa maioria da população era analfabeta, não deixando, portanto, registros escritos de sua existência. Em Goiás, no período abordado, ou seja, a primeira metade do século XX, o quadro de analfabetismo era assustador. Em 1872, por exemplo, o índice de analfabetismo de maiores de cinco anos na província de Goiás era de 83,8% da população, o sétimo pior do país; em 1920, embora tenha diminuído para 81,9% da população, o estado de Goiás se encontrava entre os quatro últimos lugares; por fim, em 1960, o percentual chegou a 55,3% fixando o estado no meio da tabela entre os entes da federação (FERRARO; KREIDLOW, 2004, p. 192). Nesse sentido, se há trocas de correspondências entre os presos e seus familiares, advogados, juiz, delegado, carcereiro, mostra que eles pertencem a um grupo muito reduzido da população.

Guardadas pela Delegacia de Polícia como indícios suspeitos, as correspondências ficaram décadas perdidas em meio a milhares de documentos que diziam respeito a questões cotidianas de uma delegacia (depoimentos, corpo de delito, ofícios, solicitações, dentre outros). Foi graças a isso que elas conseguiram

chegar até o presente. E, nesse sentido, não somente o conteúdo é importante, como também a forma, posto que a maioria tem como suporte pequenos pedaços de papel que foram preenchidos em todos os seus espaços, como no documento a seguir (Figura 2).

Figura 2 – Carta de preso



Fonte: Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07. Documento nº 06, década de 1930.

Isso evidencia o quão difícil era o acesso dos prisioneiros a papel e lápis. Entretanto, nem todas as correspondências foram confiscadas, já que algumas, como no caso acima, são respostas de cartas recebidas pelos prisioneiros. Como a sua apreensão, ou não,

dependia da interpretação e subjetividade do escrivão, não sabemos precisar o motivo delas não seguirem ao seu destinatário, porém, aventamos algumas possibilidades que serão detalhadas nos próximos tópicos.

Destarte, devemos destacar que o conjunto de documentos não é numeroso, mas é muito significativo. Embora nosso foco sejam as cor-

respondências escritas pelos presos, há muitas de familiares e amigos destinados aos presos que também não chegaram ao seu destino final. Na Tabela 1, elencamos a quantidade de documentos divididos em quatro categorias, quais sejam: orações/poemas, correspondências de presos, correspondências para presos e bilhetes esparsos.

Tabela 1 – Documentos escritos ou destinados aos presos da cadeia da Cidade de Goiás, década de 1930

CORRESPONDÊNCIAS	TOTAL	
	Quant.	%
Orações/poemas	4	10,26
Correspondências de presos	13	33,33
Correspondências para presos	13	33,33
Bilhetes esparsos	9	23,08
Total	39	100

Fonte: Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

Considerando que no Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz há 695 documentos, as correspondências/orações/escritos esparsos dos/para os presos da década de 1930 equivalem a 5,6% do total. Isso é significativo e representa uma importante, mas pouco privilegiada, fonte para pesquisas de historiadores e demais áreas das ciências humanas.

As correspondências para o delegado

Em contraponto às correspondências para familiares e amigos, as endereçadas ao delegado mostram um tom menos informal, porém, mesmo assim, podem sugerir muito sobre a vida desses prisioneiros. É o caso de Anapio Abreu de Oliveira que, em fevereiro de 1935, solicitou permissão para visitar sua família às quintas e aos domingos, e deu como prova de confiança o seu bom comportamento.

Snr. Tenente Getulino Artiaga
Meus respeitosos cumprimentos

Primeiramente peço permissão para me dirigir a V. S. Snr. Tte., venho mais uma vez lhe incomodar, pedindo a vossa valiosa intervenção, junto a Exmo. Snr. Tte. Coronel Salomão, no sentido de me ser concedida permissão para ir em casa de minha família às quintas-feiras e domingos, se for possível. Quanto ao meu comportamento, acho que V. S. se acha bastante informado e por isso julgo que não desmereço a vossa confiança, com relação a minha saída, para ir em casa. Certo que V. S. me desculpará a amolação, desde já agradeço eternamente e peço licença para firmar-me de V. S. Criado Obrigado e Subdito

Anapio Abreu de Oliveira
Goyaz, 9 de Fevereiro de 1935⁶

A maioria das correspondências trata de pedidos, como o de Laudelino Cassiano de Azevedo que solicitou ao delegado que atestasse

⁶ Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

que o mesmo era “miserável e alimentado pelo Estado”. Ou seja, queria ser considerado “preso pobre”. Nessa época, os presos deviam arcar com os custos de sua prisão, menos os que se consideravam pobres e eram ajudados pela caridade pública, que atuava como as atuais secretárias de assistência social.

Exmo. Sr. Tenente Sebastião Braz, D.D. Delegado Especial.

Laudelino Cassiano de Azevedo, que esta assigna, requer a V. Excia. se digne mandar certificar ao pé desta que o suplicante é miserável e alimentado pelo Estado.

Requer-se para fins de, direito, deixando esta de ser estampilhada por ser o suplicante preso pobre.

Por ser de Justiça
Espera Receber Mercê
Cadeia Publica em Goyaz, 20 de Maio de 1936.
Laudelino Cassiano de Azevedo⁷

Interessante esse tipo de pedido de alguém que conseguia ler e escrever até bem, como se percebe em contraposição a muitas outras cartas que possuem muitos erros gramaticais e ortográficos. Como vimos no tópico anterior, a porcentagem dos alfabetizados era muito pequena, pois, de acordo com os estudos dos historiadores da educação goiana, Genesco Ferreira Bretas (1997) e Nancy Helena Ribeiro de Araújo e Silva (1981), a instrução, nesse período, ainda não era vista como forma de ascensão social, estava muito no âmbito da classe privilegiada, como forma de manutenção de domínio de famílias abastadas. Isso tudo só torna o pedido de Laudelino ainda mais interessante.

O pedido de Laudelino é datado de 20 de maio de 1936, pois apenas oito dias depois ele novamente escreveu uma carta ao delegado, solicitando, desta vez, um encontro com o mesmo para lhe “dirigir de viva voz o pedido

que pretendo obter”. Será que se trata de outro pedido ou a reiteração do anterior?

Goyaz 28 de Maio de 1936
Exmo. Senr. Tenente Sebastião Braz
D.D. Delegado Especial

Solicito de vossa bondade a fineza, em ordenar, para que eu possa fallar em particular com V. S. seja, eu, levado a essa Delegacia e me dirigir de viva voz o pedido que pretendo obter caso seja possível e assim V. S. determinar.

De V. S. Subscrive o humilde criado
Laudelino Cassiano de Azevedo⁸

Ainda no mesmo mês, porém mais no começo, no dia 8 de maio de 1936, um prisioneiro que não assinou a carta solicitou a compaixão do delegado a respeito da sua enfermidade. Ele encontrava-se na enxovia, uma espécie de isolamento para onde iam os presos considerados violentos ou que quebravam as regras de disciplina. Como se tratava de um local insalubre, que se localizava na parte frontal térrea da cadeia, sem penetração direta da luz solar, o requerente pediu para voltar para o “xadrez”, ou seja, para as celas que se encontravam no pavimento superior da Figura 1. Para conseguir a ajuda do delegado, ele pontuou sua grave enfermidade e que a transferência para a cela iria fazê-lo melhorar.

Illm^o Snr Tenente Sebastião Braz

Motivos de saúde faz que venha a presença de V. S. pedir condoer-se de minha triste situação, não fosse me achar doente atacado de orchatezento não veria pedir a V. S. mandar tirar-me da enxovia para o xadrez afim di que eu possa pelo meno melhorar. Esse acto de Justiça e de caridade será olhado por Deus que retribuirá em bemção a sua pessôa e Exm^a familia. Sem mais Sou de V. S. humilde admirador criado agradecido detento.

8-5-936⁹

⁷ Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

⁸ Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

⁹ Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

Pedido semelhante também foi feito por Hermínio Antonio de Oliveira em setembro de 1936, que solicitou uma reunião com o delegado para “esclarecer qual e o motivo que eu me acho castigado na casa forte”, como também era conhecida a enxovia mencionada na correspondência anterior. Ademais, o detento afirmou sofrer constrangimento ilegal e que não havia nada que desabonasse sua conduta. Terminou justificando o encontro pelo fato de o delegado não saber nada do que se passa no interior da cadeia.

Exmo Snr 2º tenente Delegado especial desta comarca
Respeitosos cumprimentos

Por intermedio desta me civa eu venho muito respeitosamente Solicitar a finesa de Pedir Para V. S faser-me a bondade de conceder a permissão para eu cer Levado a Vossa Presencia a fim de eu esclarecer qual e o motivo que eu me acho castigado na casa forte Sofrendo constrangimento enlegal, cem culpa nem uma desabonace a minha conduta. deguiniçimo Tenente, aqui na Cadeia o mal feito só e reparado em mim muitas cousas que cepaça no interior da cadeia a V. S não e ciente de nada e por este motivo e que eu venho Pedir a V. S para eu cer Levado a Presencia da Vossa diguinicima Pesoa.

desde ja Ficarei eternamente grato rogarei a Deus Pela Felicidade da V. S a todos que vós lhe Pertencer.

V. S criado e obrigado
Detento Herminio Antonio de Oliveira
Cadeia Publica 12-9-1936¹⁰

Por fim, uma intrigante correspondência. O formato do relato lembra o de um diário, pois mostra os eventos pelo qual passou o detento que, infelizmente, não assinou o documento. Não sabemos se trata de uma escrita mais pessoal, a fim de organizar a memória sobre os fatos que sucederam com a sua vida, ou se trata de uma denúncia sobre tudo que passou, uma vez que ele cita nomes.

10 Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

No dia vinti do 12-935 Sexta Feira eu fuguei-me [fugi] e fui preso no mesmo dia as cinco horas da tardi, no qual fui amarrado e espancado pelo Soldado Guaberto vulgo Bahiano.

No dia vinti e um as seis horas da manhã fui espancado pelo Soldado Parreira.

No dia 1 di Junho eu fui espancado por Sargentos Passarinho Marinho e Elpidio e prassas Antonio do Amassio.

No dia 3 di Dezenbro eu [corroído] 10 horas fui mandado [corroído] para Casa forti.

Meu pai tevi de cama um Meis e 26 deas. Rua Martinniano de Carvario nº 45 São Paulo. Dechei daquela infeliz no dia 15 de Otobro. Inde-reção Pedro de Morais Sero.

No dia 25 de Julio meo pai faleceo as 2 horas da madrugada. No dia 16 di Agosto eu sobi que a menina não é minha filha di 19305 [1935].

Tenente Deanari pedi favor para mem ir en minha casa não fui atendido. Amerco Fereira Carcereiro mi perssigio. O Dr. Paulo me perciguio. [corroído] Julio Guimaraes me roubou um relogo [relógio].

Anapio Abreo de Oliveira dessi que eu sou de pessimo comportamento deçi elle para O Baiano para que você deo o rodolo para elle fevereiro de 19305 [1935].

[corroído] o Tenente Dianari pede para aromar permissão para me ir en menha casa não foi [fui] atendido. No dia 2 Junho

no dia 29 de Janeiro o [oxidado] Rosa dessi para o Carcereiro que não mi mandasse en casa porque eu queria fogir.¹¹

No relato, o detento citou várias sessões de espancamentos por parte de policiais – que podemos caracterizar como tortura –, perseguições do carcereiro, doença e morte do pai, descoberta de que não era pai da filha que julgava sua, detenção na casa forte, roubo de seus pertences, pedido negado para visitar sua casa. Enfim, uma série de episódios que

11 Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

traçam as tragédias que se abateram sobre esse indivíduo.

As correspondências para familiares/amigos/defensores

Por se tratar de uma comunicação para pessoas de certa forma íntimas, nas correspondências que serão analisadas nesse tópico, teremos mais condições de vislumbrar de fato uma escrita de si, onde ressaltam os sentimentos, sonhos e perspectivas diante do futuro. Nesse caso, portanto, a escrita de si é diferente de uma autobiografia. O relato autobiográfico “[...] se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva” (BOURDIEU, 2006, p. 184). A escrita de si através das cartas, por sua vez, é “[...] uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo”; ademais, “[...] trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como ‘bem próprio’, constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma” (FOUCAULT, 2004, p. 156). Nesse sentido, analisaremos as correspondências tentando compreender as histórias de vida desses indivíduos. Não obstante, o primeiro exemplo é de um detento que escreveu para sua irmã, Virgulina:

Exma Snra D. Virgulina Sua Residencia. Rua Moreira. Nesta.

Minha querida Mana Bondia fasso esti afim di dar minhas notissia eu ate fazer esti vou imdo muito farco [fraco?] estou com oquitis mais com saudi grassas a Deus. Vergulina passei 8 dias sem comer e sem dormir penssando naquela imgrata mais agora grassas a Deus não me lembro mais dela sim dos meos 3 filhos que não tem uma pessoua para tomar elles [tomar conta deles?]. O mais eu estou ainda na casa forti e bastante pressigido que nem remédio para mim não vem. Mais eu não poço admirar

dos meos parentis e irmãos não perguntar por mim porque eu so tenho parenti e irmão quando eu estou em liberdade mais eu não fico na Cadeia toda vida porque Deus não deicha não acha você.

Virgolina eu tenho uns obigetos para você fazer o favor de guardar para mim. Você pode ou não [ilegível] [ilegível] minha por vassão é dor a você ainda não vio nada.

Obra de caridade.¹²

Partes da vida do detento foram expostas nessa carta. É possível sugerir que ele tem três filhos, que são o motivo da sua preocupação. Ele falou também, provavelmente, sobre a mãe deles, dizendo que ficou oito dias sem comer e sem dormir pensando “naquela imgrata”. Podemos supor que ele possa ter cometido feminicídio contra a mãe de seus filhos, já que não têm ninguém para cuidar deles. Ele reclamou para a irmã que está na “casa forti” e foi bastante perseguido, não lhe sendo entregue nem remédios. Será que foi isso que fez com que o escrivão não permitisse que a carta fosse entregue à destinatária? Por fim, além de pedir que a irmã guardasse seus objetos, reclamou que os parentes e o irmão só o procuram quando está em liberdade, o que sugere que não é sua primeira passagem pela cadeia.

A trama a seguir é mais complicada. São duas cartas escritas pelo mesmo preso e que, no nosso entender, o confisco da primeira resultou num problema na segunda. Como ambas não seguiram ao destinatário, no caso o Joaquim, compadre e pai de criação do detento, é provável que tenha tido vários outros desdobramentos. Vamos a elas:

[corroído 1 linha] [corroído] Compader Bondia

Faço esta para dar a resposta da soa Carta que eu não tenho e nem nuca tevi descomfianssa no senhor si eu tivesse não tinha mandado a minha roupa para-la. Compadri eu não quero que o senhor batiza o menino porque o menino não

12 Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

é meo filho si ele fossi eu tinha prazer em ser terceiro Compadri seu mais como ele não é meu como o senhor já sabi eu axava que eu sendo [filho] e Compadri seu [corroído] fazendo um [corroído] eu pençava que podia ser [corroído] mais [corroído 1 linha]

e eu que sou seu filho de queração e de legitimação e porque eu não poço ser atendido eu estou perdendo apetiti e sono e estou com o coração a magoado se eu morrer aque quem ê a culpa Deus sabi quem o senr. se bem pençassi não dezejaria o mão estar para seu filho eu se tiveçi que peita no senr eu não mandava a imgrata morar com o senr. quando eu estava prezo no quartel não é [corroído] mem não é como o senhor me dessi [outras?] si o senhor me queze bem ou me tiver amezadi o senhor pensa bem que para mem é um abozo não acha? e o senhor não fica zangado com o bileti que foi [corroído] que eu não [corroído] eu pedi um [corroído] para escrever [corroído] e peço [corroído] Compadri [corroído 1 linha] e o senhor dessi que emquanto eu estivesse em menha companinha esta ingrata o senhor não esmerava por me e nem pelo os meos não foi? agora chegou o tenpo que eu quero ver se quer bem a mim ou se hora [corroído] a ora que [corroído] ssi em [corroído]

[corroído 3 linhas] ¹³ 1935

Essa primeira carta gira em torno da resposta do compadre ao detento, que, naturalmente, chegou a suas mãos. Porém, a resposta não. A trama principal centra-se no batizado de um suposto filho do detento por parte do compadre. O detento assegurou que o filho não era seu e pediu ao compadre que não batizasse a criança. Supomos que a carta anterior do compadre tenha falado sobre isso. O detento afirmou não desconfiar das boas intenções do compadre, porém, não aceitou que ele ficasse do lado da mãe da criança, Maria, a quem ele chama de “ingrata”. Ele diz que mandou a mulher morar com o compadre quando ele esteve preso no quartel, o que sugere não

¹³ Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

ser essa a sua primeira passagem pela detenção. Diante do incomodo que Maria lhe causou, pressupomos que ele estivesse na cadeia dessa vez devido a alguma agressão ou ameaça a ela, posto que ele pediu que o compadre se afastasse dela.

Ser = Jaquim [Snr. Joaquim]

Compader [compadre] eu sei que o senhor esta de aqucor [acor]do com a miseravel e a Maria Precat [Peclat?] Para acabar de mi matar eu nem poder escrever não poço. Eu pede o senhor para não batezar o menino e dessi para o senhor que perde a amizade minha [minha].

Snr. Joaquim [Compadre] eu sei que O snr. esta de acordo com a mizerave, i a Maria Precat [Peclat?] para acabar de mi matar, sendo que li pidi au snr. que não batizasse, o menino, i o snr. vae, batiza, sendo asim o snr.esta de acordo com, aquela engrata sendo que o snr.não tendo amizade comigo pode batizar, aí o snr. rezorve, o cauzo, eu pensava que o snr. tivese, mais amizade qual, não parece, sendo assim pesso o favor de mandar os meus treim que so espero, daí este que acuzo, nada mais i meus treis filhos reconisido.¹⁴

Como a carta não foi entregue, o Joaquim não ficou sabendo das súplicas do filho de criação para não só não batizar a criança, como também se afastar de Maria. Então, a segunda carta é mais incisiva, uma vez que o detento soube, não sabemos por quais meios, que o batizado ocorreu, bem como o apoio de Joaquim a Maria. Ou seja, ocorreu tudo que ele pediu que não ocorresse na carta interceptada. Isso gerou uma revolta grande por parte do detento que, a princípio, pareceu romper com o Joaquim, pedindo que o mesmo lhe mandasse seus “treim” além dos seus três filhos. Não obstante, assim como a primeira carta, a segunda também não chegou às mãos de Joaquim, o que evidencia que esses pedidos também não foram atendidos. O que mais intriga em relação a essas duas cartas são os motivos

¹⁴ Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

que as levaram a serem confiscadas pelo escrivão. Ora, trata-se de assuntos de cunho pessoal, não há nenhum tipo de denúncia sobre o seu tratamento na cadeia, a não ser na parte que ele diz “para acabar de mi matar eu nem poder escrever não poço”, que sugere ou falta de material ou impedimento por parte do carcereiro ou, o que aventamos, ser uma expressão de linguagem diante da raiva que ele deve ter sentido ao descobrir o que Joaquim lhe fez.

Por fim, temos duas cartas do detento Leão Leite de Souza, que estão entre as mais interessantes de toda a documentação. O que mais impressiona à primeira vista é a grande quantidade de correspondências enviadas ou endereçadas ao detento. Dos 39 documentos arrolados no período de uma década, 12 se referem a Leão Leite de Souza. Uma explicação é que ele não era da capital e sim de Santa Rita do Pontal,¹⁵ o que justifica o avultado número de correspondências. Trata-se de uma família com muitas pessoas alfabetizadas, que se percebe pelos variados remetentes e caligrafias. Além das duas enviadas por Leão Leite de Souza, ele recebeu uma carta do seu pai, Amós Leite de Souza e uma de sua mãe, Maria Leite; três cartas de sua esposa, Amélia Francisca Leite; uma carta de seu irmão, Domingos Leite; uma carta de Efigenia Guimarães, sua amiga; uma carta de José Maria da Silva; e uma carta de sua irmã e seu cunhado Eulalia Leite Braga e Jorge. A primeira carta foi a resposta de uma carta enviada pela irmã, o que sugere que o montante de cartas relacionadas a esse detento era muito maior que as confiscadas pelo escrivão.

Cadeia [corroído]
30 de Julho de 193 [corroído]
Presada Irmam

Confiado em Deus espero felicidades a ti e a todos de sua Exma família, são os votos que faço a todos os nossos, recebi sua amavel cartinha

15 Atual cidade de Pontalina (GO), distante 250 km da Cidade de Goiás.

com a data de 18 de Maio do corrente anno, o que digo, Disse Cristo Poder um cego guiar outro cego?” Nos te seguimos pelo caminho das provações e regeneração, e que guiado e defendido pela Justiça Divina, abrir-te-hão as portas do carcere. Então seras não mais o fugitivo de hontem, conduzindo apos si um cortejo de humilhações: mas sim, um cidadão, um verdadeiro Cristão, que empregará todas as tuas forças para fins altruistas.

Tudo o que voce disse foi muito aplaudido até pôr doutores que se achas no cárcere comigo mas creio tudo não sahirá a seu contento de uma irmam fiel e constricta como seu coração: mesmo prisioneiro sou [ilegível] de menos tolerar injustiça com nossa velha mãe... estou muito satisfeito porque esteve aqui comigo seu compadre Snr. João Mudesto que já se achas com meus papeis todo em mãos para seguir para o Rio, que é justamente o que eu vim tratar em Goias: os demais estou [dispachando?] não supôrto prisões por quanto tenho todo apoio do que preciso, não se incomodes vou batêr com meu destino não me conformo nunca com centenas de que eu não cometêra.

De seu fiel irmão que abraças a todos de sua casa.

Saudades.

Leão Leite Souza¹⁶

Ao relatar à irmã que está preparando sua defesa no Rio de Janeiro, então capital da República, e que não se conforma com a sentença recebida por um crime que afirma não ter cometido, pode estar aí a justificativa para que a carta fosse confiscada. Nela, Leão agradece a “cartinha” que recebeu da irmã com palavras de consolo. Na segunda carta, o detento escreveu a João da Matta Leite, possivelmente seu advogado, já que o seu teor é o pedido de revisão do seu processo:

Exmo. Snr. Dr. João da Matta Leite
Respeitosos Cumprimentos.

Forçado pela necessidade de fazer a revisão do processo crime que me é imputado, venho

16 Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

valer-me de sua proteção para encaminhar a petição inclusa, e conseguir com brevidade a certidão de que trata a mesma.

Sou pae de 5 filhos, órfãos de Mãe, vivem elles actualmente sob o amparo de Minha pobre Mae viuva, velha e bem doente, e o pae infeliz, apontado como criminoso. [quando?] meu Fóro intimo está tranquilo por que eu não praticou o crime de que me acusam e assim, vão-se passando os dias sem que eu [possa?] [corroído] ganhar os meios necessarios a educação dos meus Filhinhos, para que no Futuro proximo, possam elles engressar na realidade [dos?] amparados, pelo menos, pela educação [corroído] [ilegível] e algum preparo tão necessario a [corroído] principalmente no momento em que tudo se desenvolve para o bem da sociedade [corroído] [ilegível] commum.

Sem mais

Creia-me de V. S. admirador, criado agradecido.
Detento Leão Leite Souza¹⁷

Nessa carta, além de solicitar a revisão do seu processo, ele expôs os motivos que a justificam, e aí conhecemos um pouco da vida de Leão Leite de Souza. Diz ele ser viúvo, pai de cinco filhos, que estão sob os cuidados de sua mãe, também viúva, além de “velha e bem doente”. No entanto, uma das cartas recebidas por Leão é do seu pai Amós Leite de Souza, que, provavelmente, deve ter morrido enquanto se encontrava na cadeia. Ademais, sustenta que não praticou o crime de que o acusam e que na cadeia ele não tem condições de encontrar meios para patrocinar a educação de seus filhos. Diz que quer deixá-los “amparados, pelo menos, pela educação”. Numa sociedade, que como vimos páginas atrás, não via a educação como socialmente importante, a carta do detento afirma justamente o contrário.

Considerações finais

Esperamos que este ensaio possa fomentar

¹⁷ Museu das Bandeiras. “Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz”. Caixa 02. Envelope 07.

não somente a discussão, mas a apropriação desses documentos por parte de pesquisadores(as), para serem usados em futuros trabalhos. O conjunto de correspondências escritas pelos presos ou enviadas a eles, dizem muito sobre o indivíduo no cárcere e sua relação com o mundo fora dele. Ademais, essas correspondências perpassam temas interessantes e muito atuais, tais como: saúde, tortura, educação como privilégio, denúncias de torturas, clamores por justiça, prisões injustas...

Não obstante, as histórias de vida desnudadas na escrita de si nessas correspondências podem suscitar reflexões sobre a relação com o passado e aquilo que deve ser lembrado ou esquecido. Por fim, sugerimos que por estarem salvaguardadas numa importante instituição museal, essas cartas deviam ser *tiradas* do arquivo e levadas à exposição.

Referências

BARRETO, Paulo Tedim. Casas de Câmara e Cadeia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 26, p. 362-445, 1997. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat26_m.pdf Acesso em: 4 fev. 2022.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). **Destino das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Editora UPF, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.183-191.

BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: Ed. CEGRAF-UFG, 1997.

BULHÕES, Girlene Chagas. **Museus para o esquecimento**: seletividade e memórias silenciadas nas performances museais. 2017. 193f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances

Culturais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

CLAUDINO, Lara Pelhus Gomes. **Museologia Social em Museus Convencionais**: um estudo de caso na cidade de Goiás. 2017. 127f. Monografia (Bacharelado em Museologia). Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

COELHO, Gustavo Neiva. **Iconografia Vila-Boense**. Goiânia: Editora UFG, 2013.

FERRARO, Alceu Ravello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configurações e gênese das desigualdades regionais. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nº 29, vol. 2, p. 179-200, dez. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25401/14733>. Acesso em: 8 fev. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella (Orgs.). **Prezado Senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

LIMA, Elder Rocha. **Guia afetivo da Cidade de Goiás**. Goiânia: Iphan-GO, 2017.

MONTIEL, Rosane. Arquivos: memórias vivas de Goiás: a criação de uma instituição de arquivo na cidade de Goiás. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, Universidade de Brasília, v. 21, n. 1, p. 51-77, jan./jun. 1977. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76725>. Acesso em: 5 jan. 2022.

MOURA, Nádya Mendes de. **Sertões de mar a mar**: Goyazes em suas filigranas (c. 1726-1830). 2018. 556f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Pro-

grama de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MUSEU DAS BANDEIRAS. **Fundo Delegacia Especial de Polícia de Goyaz**.

NEPOMUCENO, Tatielle; BOITA, Tony. Apresentação. In: NEPOMUCENO, Tatielle; MORAES, Cristina de Cássia Pereira; BOITA, Tony. **Revista Arquivo do Museu das Bandeiras**. Jundiá: Paco Editorial, 2020. P. 5-8. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Xz_Jdht8kZ3gxeRBwwVQh7Hnd5i-3h4S/view. Acesso em: 7 fev. 2022.

ROSA, Mana Marques. **Sistema Museológico**: por uma etnografia dos Museus na Cidade de Goiás (GO). 2016. 194f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SCHMITT, Jean-Claude. A História dos Marginais. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. SILVA, Nancy Helena Ribeiro de Araújo. **Tradição e renovação educacional em Goiás**. Goiânia: Ed. Oriente, 1981.

SOUZA, Rildo Bento de Souza. **Pobreza, doenças e caridade em Goiás**: uma análise do Asilo São Vicente de Paulo (1909-1935). Jundiá-SP: Paco Editorial. 2014.

SOUZA, Rildo Bento de Souza. **As raízes profundas do jequitibá**: o processo de construção mítica de Pedro Ludovico Teixeira. Goiânia: Editora Trilhas Urbanas, 2021.

Recebido em: 20/02/2022

Revisado em: 15/04/2022

Aprovado em: 20/04/2022

Publicado em: 30/04/2022

Rildo Bento de Souza é doutor em História. Professor adjunto da Universidade Federal de Goiás (UFG) com atuação no curso de bacharelado em Museologia e no Programa de Pós-Graduação em História. *E-mail*: rildo_bento@ufg.br

Milena Bastos Tavares é especialista em Gestão de Arquivos e em História do Brasil e Região. Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Técnica em Conservação e Restauro. É funcionária do Museu das Bandeiras (Muban) e trabalha no arquivo da instituição. *E-mail*: milena.muban@gmail.com